

# A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

GENIS-PORTO

**ASSINATURAS**  
(Pagamento trimestral adiantado)  
CONTINENTE . . . . . 6800  
COLONIAS . . . . . 13800  
ESTRANGEIRO . . . . . 28400  
Numero avulso—3400  
Redacção e Administração  
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR & ADMINISTRADOR  
**ANTONIO MARTINS DA FONSECA**  
REDACTOR  
**LICINIO A. F. DE SOUSA**  
EDITOR  
**ALBERTO FERNANDES LEAL**

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e imp. na Tipografia ARTES & LETRAS  
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

1.º ano

Pôrto, 15 de Maio de 1929

N.º 10

## Dr. João Antunes Guimarães

Não é fácil, a traços ligeiros, circunscritos ao pouco espaço de que dispõe a nossa Revista, desenharem-se o perfil dum homem que deve á intelligencia e ao trabalho, á distincção e á bondade ingénita, o elevado conceito em que é tido, e a estima de que goza, entre todos aqueles que o conhecem.

O novo Ministro do Comercio é uma rara e dominadora figura de eleito. A natureza magnanima enriqueceu-o, com os seus dons mais preciosos, aureolando-lhe a fronte com os esplendores dum talento robusto e ungiendo-lhe o coração com a mais gentil e fidalga generosidade, aliada á mais cavalheiresca e galharda das lealdades!

Espirito cultissimo e empreendedor, desde ha muito vem estudando com afinco todos os problemas que por qualquer fórma interessam a cidade do Porto e o norte do País, como sejam: questão dos vinhos verdes, Entre-posto de Gaia, telefones, viação urbana, obras do pôrto de Leixões e barra do Douro, etc.

As questões económicas mais importantes sabe versar-las com mão de mestre; o exame a que as submete, é sabio e, por via de regra, completo.

Orador fluente, a sua palavra elegante em que lateja invariavelmente o mais ardente entusiasmo e a mais sincera convicção, é sempre escutada com o maior acatamento.

O finissimo quilate das suas virtudes affectivas e o seu alto senso administrativo, ficaram patenteados cabalmente, na sua passagem pela Junta Geral do Districto desta cidade, que vivendo até á posse da

comissão da presidencia do Dr. João Antunes Guimarães, em puro regimen *deficitario*, conseguiu vêr equilibrada a sua receita com a despesa, mercê de severas economias lá realisadas, sem contudo se affectar



a assistencia e sem por qualquer fórma se tirar o pão a ninguem.

\*

\* \*

A sua obra na Junta durante quasi tres anos, mereceria longas referencias em logar apropriado, a que não obstante nos vamos referir, ainda que muito ao correr da pena.

Suprimiu a verba de *representação* que atingia em gerencias anteriores importancias in comportaveis para uma instituição cujo objectivo é o da assistencia; intensificou a mesma, aperfeiçoando concomitantemente a educação dos menores sob a tutela da Junta; creou a Colonia Maritima da Povia, beneficiando anualmente, por periodos mensais, durante a epoca balnear, com banhos de mar e ares salinos as crianças albergadas; igualmente contribuiu com o seu entusiasmo para que o seu colega snr. dr. Almeida Garrett, levasse a cabo a fundação no Porto do Dispensario de Higiene Infantil que funciona no edificio da antiga Roda; introduziu grandes melhoramentos sob o ponto de vista higienico e sanitario no Hospital Antonio Côrte Real (privativo de crianças), situado na rua Antero do Quental; etc., etc.

Como presidente, nunca consentiu que o pessoal da Secretaria de que é muito digno chefe o snr. Joaquim Vizeu, pusesse quaesquer entraves, á sollicitação das mães que desejavam por qualquer motivo implorar a assistencia da Junta; queria ele, presidente, no seu gabinete, interroga-las sobre as suas reclamações, e ouvir com todo o carinho as suas petições.

A sua passagem pelas cadeiras da Junta Geral do Districto será indelevel, e só um homem possuidor das mais acrisoladas virtudes e de um carácter diamantino, como o nosso homenageado, poderia lutar contra a resistencia do meio tão corrompido e o feroz egoismo ambiente, levar a cabo uma obra de

tão largo alcance educativo e beneficente.

Para bem se avaliar a latitude da acção eminentemente caritativa e humanitaria da Junta Geral do Districto, bastará dizer-se que ela tem a seu cargo sete casas de educação, a saber: nos Carvalhos com 250 albergados, em Vairão com 250 internados e internadas, em Paço de Souza com 120 rapazes, no Internato Alves de Magalhães (Penafiel) com 50 meninas, na Escola Rosa Santos (Porto) com 60 meninas e na Casa Hospício do Porto com 100 crianças de ambos os sexos.

\*

Tambem o ilustre cidadão de que vimos tratando, ocupou o logar de presidente da Comissão Técnica de inspecção, provas e exames de automoveis e conductores da Circunscrição Norte.

Durante o exercicio do seu cargo criou radicadas simpatias em todos os automobilistas, quer profissionais, quer amadores, pela sua isenção inultrapassavel e elevado espirito de Justiça, sem a menor tergiversação!

Vamos dar uma prova irrefutavel do que acima dizemos.

Quando o Dr. João Antunes Guimarães esteve na Comissão Técnica, não havia percentagem estabelecida a cobrar pelos exames, mas sim emolumentos, que se pagavam pelos mesmos, quando realisa-dos fóra das sédes das Circunscrições.

Pois ele nunca cobrou um cen-

tavo dos referidos emolumentos, a titulo de deslocação e viagens, sendo as importancias que lhe tocavam recolhidas por pessôa de sua confiança e quando atingiam determinada quantia, distribuidas por casas de caridade!

Com a promulgação da nova reforma ou seja o Código da Estrada, do qual foi um grande orientador, pediu a sua demissão, que lhe não foi concedida sem que das esferas superiores não tivessem sido feitos os mais reiterados pedidos para que dela desistisse, o homem que durante 20 anos tão alto elevou o seu nome, no desempenho de funcções tão espinhosas e absolutamente gratuitas.

Não foi possivel remove-lo da sua intransigente vontade de sair, em vista de sêr pelos seus principios contrario á remuneração do cargo que vinha ocupando.

\* \* \*

As suas palavras aos jornalistas desta cidade quando da sua posse, falam bem alto e são mais eloquentes do que todos os artigos de jornaes e discursos laudatórios:

«Só excepcionalmente receberei quaesquer interessados em assuntos da minha pasta; mas, em compensação, todos os requerimentos ou representações hão-de sêr atendidos com o maior cuidado e sem delongas.

Se carecer de elementos para tomar qualquêr deliberação, consultarei os interessados e os com-

petentes, se não preferir colhe-los pessoalmente «in loco» para o que farei, sempre que seja preciso, viagens, mas exclusivamente de estudo.

Sem contrariar o concurso estrangeiro, mas regulando-o de harmonia com os altos interesses do Estado, hei-de lutar pelo desenvolvimento das iniciativas nacionaes, para que se modifique o pessimismo com que desgraçadamente se tem encarado a capacidade realisadora e productora dos nossos empreendimentos».

Isto são frases de um homem que ao subir as escadas do Terreiro do Paço, pela primeira vez, como ministro, se sente incumbido de uma alta missão patriótica e deseja dar um golpe certo na rotina.

\* \* \*

O que aí deixamos escrito, se bem que retrate muito palidamente a individualidade do novo Ministro do Comercio, é, todavia, a expressão do que sentimos e pensamos, ácerca de tão preclara figura.

O seu nome impoluto e o seu inquebrantavel procedimento, estão acima de quaesquer palavras ou encómios, de que não precisa.

Prestando homenagem ao seu talento, ao seu valor, á sua educação e ao seu raro e excepcional character, ficamos com a intima satisfação de um sagrado dever cumprido.

E isso nos basta!

F. G.

## Amigos de "A Voz do Comercio,"

Em Abril apresentaram novos assinantes os seguintes Snrs, a quem, por isso, estamos profundamente gratos.

Francisco Guimarães — Porto.  
Antonio Correia Saraiva — Aveiro.

Candido Raposo — Faro.  
Luiz Filipe — Lisboa.  
Manoel Ramires Fernandes — Aveiro.

Joaquim Dias Ferreira — Lisboa.

Antonio da Silva Santos — Mina de S. Domingos.

Francisco Ferreira do Nascimento — Covilhã.

Pedro Bragá — Braga  
Mariano Antonio Marques — Lisboa.

Julio d'Almeida — Horta.

Antonio Correia da Ponte — Angra do Heroismo.

Viriato de Almeida — Covilhã.

## Guarda-Livros

**Oferece-se devidamente habilitado.**

**Tambem aceita pequenas escritas.**

**Dá referencias e fiador.  
Carta a Silva—Praça Almeida Garrett. 46 PORTO.**

## Aos leitores

**Alguns empregados no comercio, com aptidões para varios cargos, sollicitam colocação por intermedio de «A Voz do Comercio».**

**Dão referencias e fiador.**

## PEDIDO

**Rogamos a quem não collecciona «A Voz do Comercio» o favor de nos ceder o 1.º e 2.º n.ºs.**

## APELO

Rogamos, com todo o empenho, o favor de original, principalmente tecnico, a fim de que «A Voz do Comercio» venha a despertar o maximo interesse e consequentemente melhor possa defender e auxiliar a classe dos contabilistas e guarda-livros, de que é órgão, e seja, em geral, o mais benefica possivel.

A-pezar-da nossa boa vontade e dos nossos grandes esforços em fazer progredir este Quinzenario, ele, para nós, ainda não passou de primeiro esboço; isto devido, sobretudo, á falta de colaboração.

Esperamos, pois, que não deixarão de nos prestar o seu concurso aqueles a quem «A Voz do Comercio» deva interessar, fineza que, desde já muito agradecemos.

# SECCÃO TÉCNICA

## CRISE ECONÓMICA

A crise é resultante do desequilíbrio entre a produção e as necessidades de consumo.

As crises económicas dão origem a grandes e graves perturbações no equilíbrio da vida económica.

Ha economistas que caracterizam as crises económicas, como resultantes da actividade económica, outros, da actividade comercial e ainda outros de natureza agrícola, industrial, comercial, bancaria, monetaria, de bolsa, etc.

As crises quanto á sua causa, classificam-se em dois grandes grupos:

1.º *Deficitárias*, se proveem de insuficiencia da produção;

2.º *Súper-produção*, quando ha excesso de produção.

As crises quanto ao tempo de duração, classificam-se em *permanentes e accidentais*.

Quanto á sua amplitude, as crises podem ser: *gerais e locais*.

### Causas das crises Económicas

As principais causas das crises económicas proveem do aumento ou diminuição de produção. E' exemplo duma crises de hiper-produção, a crise do Chile em 1861, motivada pela verdadeira invasão da California, por aventureiros de todo o mundo, em procura de ouro. Essa região encheu-se de repente duma população que tendo-se dedicado á pesquisa de filões auríferos, não cultivava as terras, indo os productos agrícolas do Chile, que teve de desenvolver a sua agricultura. A febre do ouro foi desaparecendo, o consumo diminuiu e o Chile viu-se sem o mercado californiano como escoante da sua sobre produção. Deu-se a crise por excesso de mercadorias.

As crises ainda podem ter como causa o excesso ou falta de capitais. Assim por excesso de capitais, cita-se a crise do Terceiro Imperio em França, quando houve uma tal abundancia de capitais que determinou uma grande crise economica, porque o ouro desvalorizou-se consideravelmente. As crises por falta de capitais, são facilmente compreensíveis, como seja as resultantes da organização de grandes industrias, que obrigam uma grande immobilização de capitais e que origina a falta de capital circulante.

### Fases das Crises

As crises passam por três fases:

1.º *Preparatoria*, frequentemente denunciada por um ou varios indices.

2.º *Fase critica ou krack*; e,

3.º *Fase da liquidação*, para regressar á normalidade.

Quando a produção tem a sua remuneração compensadora, dá-se certo equilibrio económico, mas logo

que ha uma alta de preços a produção aumenta e num dado momento o mercado não dá escoante á sobre produção; porém os industriais continuam na mesma produção sem ter a compensação no consumo e chega-se á fase critica que produz perturbações na vida económica. Logo que os stocks diminuem, a produção começa-se a fazer regularmente, entrando-se então na fase de liquidação.

Este fenomeno repete-se regularmente, e chama-se por isso *periodicidade* das crises.

### Denuncia das crises pelos indices

A fase preparatoria das crises é muitas vezes denunciada por certos indices, que permitem os Estados prevenir as suas consequencias.

Os indices podem ser comerciais, financeiros, industriais, agrícolas e sociais.

O estudo dos indices comerciais, faz-se:

- 1.º Pelas estatisticas do comercio externo;
- 2.º Pelas estatisticas do movimento dos transportes;
- 3.º Pelo numero de falencias e de concordatas;
- 4.º Pelo numero de sociedades novas; e,
- 5.º Pelo estudo do index-numbers (numeros indices).

Os indices financeiros são determinados pelo movimento das carteiras comerciais, que revela a aproximação de crise, quando aumenta os valores em carteira e desce o encaixe; pelo volume de operações que se realisam nas caixas ou camaras de compensação.

Os indices industriais podem-se obter em qualquer industria, mas principalmente na mineira e metalúrgica.

Os indices agrícolas mais importantes são os relativos á produção dos cereais e em especial do trigo.

Os indices sociais, são constatados pelas estatisticas das grèves, dos desempregados, movimento demográfico, etc.

### Meios de prevenir e remediar as crises

Os meios de prevenir e atenuar as crises são diferentes para cada especie; assim nas crises de trabalho, o Estado pode atenuar abrindo obras publicas, para a falta de numerário, fazendo suprimentos aos bancos; elevando os direitos pautais para proteger as industrias, etc.

Por parte dos bancos ou particulares em geral, as crises podem prevenir-se por meio de moratórias, concordatas, reformas de letras, organização de concentrações industriais, etc.

F. Caetano Dias.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

## A CONTABILIDADE DO PREÇO DE CUSTO INDUSTRIAL

Vi muitos negócios reduzidos a uma simples sombra de si mesmos unicamente pela teima de continuarem a administra-los à antiga.

(Ford-My Life and My Work),

Anotações de Silvino Sotto Mayor do Conselho Técnico da Associação dos Contabilistas.

Na elaboração destas notas socorremo-nos dos trabalhos apresentados pelos principais centros de produção do estrangeiro e, principalmente, pela Comissão Geral de Organização Scientifica do Trabalho de França.

Não apresentamos trabalhos originaes; estamos ainda muito longe de o podermos fazer, dado que de nossas forças tanto poderemos esperar. Carecemos, antes de tudo, de conhecer o que no estrangeiro se tem produzido de bom, e muito tem sido nestes ultimos tempos, em matéria de contabilidade e de organização do trabalho. Só depois disso, e depois de termos aplicado na prática o que de bom lá fora tem sido apresentado e experimentado com êxito, poderemos ter a pretensão de apresentar trabalhos originaes — ou melhor dizendo, a pretensão, aliás justificada então, de melhorarmos os métodos já existentes. Não o poderemos por enquanto fazer. repetimos, se nos lembrarmos que lá fora, a par dos variados estudos feitos, existem métodos de trabalho que nos permitem, com grande economia de tempo e pecuniária, estabelecer, dispor, controlar e escriturar mecanicamente, e com rigor matemático, milhares de peças de contabilidade por hora, empregando para isso um número muito reduzido de empregados.

Tanto basta para que nos apresentemos, nas columnas deste jornal, apenas coligindo notas e apontamentos com que possamos, amanhã, dar uma orientação nova às diferentes manifestações da nossa actividade industrial e aproveitar com êxito os recursos insgotáveis do nosso país.

### A Classificação das Despesas Industriais

As despesas de uma fábrica podem dividir-se em duas categorias:

1.º) — *Despesas de Fabrico;*

2.º) — *Despesas de Estabelecimento.*

As despesas de fabrico são função da natureza das encomendas e da intensidade da produção. Podem por seu turno dividir-se em:

a) — *Despesas Directas de Fabrico;*

b) — *Despesas Complementares de Fabrico.*

a) — Constituem despesas directas de fabrico as matérias e a mão de obra directas, isto é, directamente productivas. As despesas a cargo de uma empresa com o seguro do pessoal, socorros, reformas, etc., relativas a salários directos, devem, todavia, ser consideradas sob o mesmo ponto de vista e portanto dentro da categoria das despesas directas de fabrico.

b) — As despesas complementares de fabrico comprehendem:

1.º — A remuneração de todo o pessoal necessário além do referido no parágrafo antecedente, quer para assegurar a vigilancia e a direcção immediata do trabalho, quer para conservar e reparar o material utilizado ou ainda para requisitar, receber, distribuir os materiais e fornecimentos consumidos no trabalho;

2.º — O pagamento dos materiais e fornecimentos correspondentes às despesas referidas no parágrafo anterior.

**Despesas de Estabelecimento** — A par das despesas variáveis com a produção, uma fábrica tem ainda despesas permanentes que podem ser classificadas em três categorias principais:

a) — As Despesas Imobiliárias, constituídas pelas amortizações ou pelo aluguer dos imóveis;

b) — As Despesas Mobiliárias, constituídas especialmente pelas amortizações do maquinismo, instalações, móveis, etc.

c) — As Despesas Gerais de Exploração — constituídas pelos juros dos capitais necessários e pelas despesas com o pessoal da direcção e dos escritórios de estudo do fabrico, laboratórios, etc.

## DO INVENTARIO PERMANENTE

Muito se tem escripto, (e escreverá) acerca do INVENTARIO PERMANENTE! Com efeito, em todos os tempos, e varios auctores e tratadistas, entre os quaes se contam verdadeiras auctoridades na materia de contabilidade, lhe tem dedicado os seus estudos, na ancia de attingirem a perfeição maxima, que a adopção pratica deste systema, representaria; porém, quantas vezes acontece que o Homem, na sua eterna ambição que o desvaria de subir... elevar-se... até chegar ao mais alto grau de Perfeição, vê que, como uma miragem no deserto, tudo se esvae como um tenue fumo, quando a sua mão parecia estar já quasi a tocar, o almejado objectivo!

Pelo tratado de Contabilidade de Ricardo de Sá, vi que Léauté e Guilbault estudaram o assumpto profundamente, e em bases verdadeiramente scientificas, mas seja-me permitido dizer, (sem o menor pro-

posito de pretender, com a minha insignificante e pouco auctorizada opinião, criticar a obra destes grandes Mestres), que discordo dos processos que eles preconizam, por os considerar muito complexos e duma grande dificuldade de execução, na vida pratica.

Com a publicação no nosso Jornal, dos artigos sobre PARTIDAS TRIPLAS, estabeleceu-se uma discussão entre os nossos prezados consocios, senhores Candido Raposo e Luiz B. Caldas, e mais uma vez se provou que: «da discussão nasce a luz», motivo pelo qual, nós lhes devemos estar todos muito gratos, dada a elevação criteriosa e util, como o fizeram. E, agora, para que a luz feita vá augmentado, até se tornar um facho luminoso, eu peço licença, á vossa benevolencia, para lhe trazer, pela minha parte, a débil luz dum phosphoro amorfo...

Principiarei por expôr que o systema do INVEN-

TARIO PERMANENTE, é vantajosissimo; todavia, para que não venha onerar a casa commercial que o adopte, com muito augmento de trabalho, ou com a necessidade de numeroso pessoal de escriptorio, etc., o que faria perder em tempo e em dinheiro toda a vantagem estatística do systema, vou comunicar-vos os elementos que colhi, quando tive necessidade de montar este processo, para tornar homogenea a escripturação duma Filial, com a escripturação da sua Séde, onde tal systema era adoptado:

A base fundamental da contabilidade, é a de PARTIDAS DOBRADAS, com os livros sellados exigidos por lei e com todos os auxiliares vulgares, já conhecidos, e que o guarda-livros entenda como necessarios.

Torna-se apenas indispensavel o seguinte:

1.º Que o Diario ou Memorial seja feito em FOLHA MOVEI, conforme o modelo que apresento, e que além de sêr indispensavel, posso afirmar tambem que hoje em dia não ha guarda-livros — sendo coherente — por muito devotado que seja ao culto da tradição, que não reconheça a enorme vantagem destas folhas, principalmente se conhecer de perto a engrenagem contabilística duma Fabrica, dum Banco, ou duma Companhia. Abstenho-me de fazer mais considerações, por já as ter feito com muito brilho e competencia, o nosso illustre collega, senhor Silvino Sotto Mayor.

2.º Um livro auxiliar para apuramento dos resultados, nas vendas realizadas, (onde só se mencionam escudos) é facultativo que, se o guarda-livros quizer recompensar, até certo ponto, o tempo que o systema lhe fizer perder, possa mandar fazer, para servir de Razão, um mappa (impresso) onde terá apenas logar para a data (mez e dia) e tantas columnas com Débito e Crédito, quantas forem as contas que sejam adoptadas no Razão vulgar; resumindo: evita-se assim a descripção da partida do lançamento do Diario, fazendo-se apenas a descripção em algarismos do movimento, que se poderá sommar a tinta, diariamente, semanalmente ou mensalmente, e, emfim, sempre que se queira extrahir um Balancete do Razão.

Quanto á maneira de effectuar os lançamentos, referentes ao assumpto em discussão, supponho que a esclareço bem no modelo annexo, entretanto direi ainda: Para fazermos o lançamento das vendas, quer sejam a prazo ou a contado, (as vendas a contado tem sempre de passar pelo Contas-Correntes, creditando o cliente pela importância recebida e debitando depois pela factura, ou então, sendo muitas as vendas desta natureza, abrir-se-ha uma conta geral em Devedores e Crédores de «Vendas a Dinheiro», pela qual se fará o movimento, como se fôsse uma conta pessoal), abriremos uma conta intermediaria de Fazendas Geraes, a que poderemos chamar, por exemplo: «Operações Commercias», e assim, farêmos:

#### DEVEDORES E CRÉDORES a OPERAÇÕES COMMERCIAES

Manoel da Silva

n/ factura n.º 1258

12:540500

creditando, é claro, pela disposição dada ao lançamento-modelo, na folha, as contas subsidiarias de «Operações Commercias». Acham-se em seguida, os preços do custo, pela facil consulta do livro-auxiliar de Fazendas Geraes, preços dos quaes poderêmos até, para maior facilidade, organizar uma tabella, anotando e corrigindo as alterações de preço que se vão

produzindo, durante o movimento. Este auxiliar, devo lembrar, que tem apenas o logar para as datas, para a descripção, e columnas para indicação de folios, das unidades e quantidades da existencia de mercadorias, e o seu valor em moeda de conta, isto é, em escudos, sendo nem mais nem menos do que um livro a que nas papelarias chamam, vulgarmente, «formato Razão».

Obtido o preço do custo, effectua-se a «REGULARISAÇÃO», que vem a sêr: dar sahida, a todas as mercadorias vendidas, a prazo ou a contado, em geral, podendo proceder-se a esta operação, diariamente, semanalmente, ou mensalmente, consoante desejarmos, mas muito particularmente quando e como as exigencias do negocio o permittam. Como se verá pela folha — modelo a que me tenho referido, o lançamento será assim estabelecido:

#### OPERAÇÕES COMMERCIAES a FAZENDAS GERAES

Regularisação das n/ facturas  
de... (hoje, esta semana, ou  
deste mez), sendo:

e descreve-se em seguida a totalidade, na unidade de cada mercadoria vendida, com os escudos equivalentes, (ao preço do custo, bem entendido).

Desta maneira resulta que, o livro-auxiliar de «Fazendas Geraes», acusa a existencia real ao preço do custo, ou seja o INVENTARIO PERMANENTE e o auxiliar de «Operações Commercias» acusa os RESULTADOS ORTIDOS, em todas as vendas realizadas, descriminando-nos, uma por uma, as mercadorias ou productos que deram lucro ou prejuizo, e qual a sua importancia em escudos.

Com estes elementos, o BALANCETE DO RAZÃO, devidamente arrumado, mostrar-nos-ha a situação, o mais approximada possivel da verdade, e que será devidamente corrigida e regularizada, a quando do fecho do BALANÇO, como, aliaz, por mais perfeito que fôsse o systema, nunca poderia deixar de sêr, visto que, sempre assim acontece, ainda mesmo que seja numa Instituição Bancaria, aquella que o senhor Luiz B. Caldas cita, e muito bem, por conhecer a sua situação diariamente, pois ha sempre cambios ou cotações de Boisa, etc., para regularisar, no final do exercicio.

Para o caso de casas retalhistas, estou plenamente de accordo com o alvitre do senhor Luiz Caldas, em se estabelecer um «Entrepasto» (sem sêr o «unico e exclusivo» dos vinhos do Douro, em Gaya) entre o armazem e o balcão, pois, deste modo, numa casa de muitos e diversos artigos e alguns de pouca importancia, poderêmos reduzir as Regularisações a fazer, a quantidades grandes, o que tornará mais praticavel e menos trabalhoso, o emprego do systema.

E terminando a massada, que pela sua boa intenção, peço me releveis, direi sómente que, tratando-se dum systema, em certos casos muito trabalhoso e dispendioso, deve-se estudar ao estabelecê-lo, todas as modalidades, naturezas e necessidades dos negocios, para a sua simplificação, pois varia immenso, segundo a natureza desses negocios, presidindo a este estudo muito methodo, mas sobretudo muita paciencia e boa vontade, pois só assim se obterá o resultado vantajoso e pratico, que ninguem, por certo, deixará de reconhecer.

Porto, Maio de 1929.

Henrique Martins da Fonseca.

## FIRMA... X

PORTO

Folio 62

Porto, 12 de Maio de 1929

Folios	A DÉBITO DE :	OPERAÇÕES	Folios	A CREDITO DE :	IMPORTANCIAS	
					Parciaes	Totaaes
	<b>Devedores e Crédores</b>			Transporte . . .		
	Manoel da Silva . . .	n/ factura n.º 1.258 . . .		<b>Operações Commerciaes</b>		
	Joaquim B. Souza . . .	» » » 1.259, a 60. . .		Aroz Saigon . . . . .	12 540 00	
	Duarte dos Santos . . .	n/ factura n.º 1.26 d/. . .		Assucar * * * . . . . .	675 00	
				Arroz Sião . . . . .	785 00	
	<b>Operações Commerciaes</b>	Regularisação de n/ facturas d'hoje sendo:		Assucar Extra . . . . .	384 00	
	Arroz Saigon . . . . .	n.º 1.258-100 s. c/ 270 kg. a 1\$80		Massa 1.ª . . . . .	105 00	1 224 00
	Assucar * * * . . . . .	» 1.259-3 s. » 225 » 2\$50				14 439 00
	Arroz Sião . . . . .	» 4 s. » 245 » 2\$50		<b>Fazendas Geraes</b>		
	Assucar Extra . . . . .	» 1.260-2 s. » 120 » 3\$00		Arroz Saigon . . . . .	11 286 00	
	Massa 1.ª . . . . .	» 1 c. » 30 » 3\$00		Assucar * * * . . . . .	562 50	
				Arroz Sião . . . . .	612 50	
				Assucar Extra . . . . .	360 00	
				Massa 1.ª . . . . .	90 00	12 911 00

## OS MÉTODOS AMERICANOS SEGUIDOS NO CÁLCULO DO PREÇO DE CUSTO INDUSTRIAL

Por interessante e oportuno, agora que o nosso país parece ter entrado num período de normalidade e de reorganização das suas forças económicas, damos hoje aos nossos leitores a tradução do primeiro capítulo da obra de C. Bertrand Thompson: «Os Métodos Americanos Seguidos no Cálculo do Preço de Custo Industrial».

Portugal tem recursos inesgotáveis, de molde a poder sustentar todos os seus filhos e a evitar o exodo apavorante de milhares de braços que todos os dias vemos partir em demanda de trabalho, longe da pátria.

E porquê?

Porque as nossas maiores riquezas jazem abandonadas, por explorar, e porque, sobretudo, os nossos industriais se desviam, como horrorizados, da organização científica do trabalho.

E todavia muitos dos nossos artigos rivalizam com os do estrangeiro.

Seguimos agarrados à rotina; caminhamos, ainda que nos pareça o contrário, perfeitamente ao acaso. C. Thompson, a quem desde já damos a palavra, demonstra no seu livro a necessidade da organização das indústrias, e principia por nos mostrar as vantagens que advem para o industrial de uma boa contabilidade do preço de custo.

## O que significa um bom sistema do preço de custo

Um sistema do preço de custo pode dar lugar à prosperidade ou à morte de uma industria. Qualquer liquidatário habituado ao exame das falencias vos poderá dizer que muitos dos factores que por vezes contribuem para a ruina de uma empresa, poderiam ter sido evitados a tempo com uma boa contabilidade do preço de custo. Por outras palavras, qualquer

liquidação nos mostra que um grande número de negócios teriam podido ser salvos da ruina graças a uma conta precisa das despesas.

Tal era o caso de uma fábrica de roupas brancas que produzia quatro tipos de artigos: combinações, corpetes, vestidos de quarto e roupa para crianças. As despesas não eram classificadas por serviços. A moda passou, as saias brancas e as combinações foram um mau negócio e os lucros começaram a declinar. Fizeram-se grandes esforços para aumentar as vendas, mas a campanha não foi inteligente, porisso que feita sem discernimento. Um exame mais profundo dos negócios mostrou que os corpetes e os artigos para crianças davam bom lucro, enquanto nos outros se perdia consideravelmente. Um sistema apropriado das despesas teria mostrado, no momento oportuno, onde o mal se encontrava.

Uma outra fábrica repartia bem as suas despesas por serviços, mas segundo um método de distribuição das despesas gerais que fazia atribuir a certos serviços mais que a sua parte e a outros menos do que na realidade, lhes deveria ser imputado. O resultado conduzia naturalmente a falsas conclusões mostrando que certos serviços davam grandes lucros enquanto outros apresentavam prejuizos consideráveis. O deficit de uma das secções apresentava-se de tal natureza que se decidiu suprimi-la, não obstante aquela secção ser um bom meio de reclamo e estar em circunstancias de poder dar dinheiro.

Uma análise mais atenta das despesas e a modificação do sistema do preço de custo fizeram descobrir o erro, uma perda que parecia consideravel ficou reduzida a pouca coisa e a secção que até então se tinha decidido eliminar não o foi mais.

Uma companhia que fabricava especialidades electricas vendia uma a 500 francos aos intermediários

para ser revendida a 750 francos. Venderam-se 4000 antes de se descobrir que o fabrico custava 540 francos. O preço de 500 francos tinha sido fixado mais ou menos. Este êrro custou 16000 francos antes de ser corrigido por uma avaliação precisa das despesas. Aquele prejuizo teria coberto varias vezes a despesa do sistema de preço de custo mais perfeito que se possa imaginar.

São provas palpaveis. E todavia há ainda industriais que se recusam a fazer face às despesas necessárias ao estabelecimento de um sistema de preço de custo.

Um sistema de preço de custo é o melhor seguro que uma casa pode ter, porque evita os erros custosos, e quando é bem estabelecido e bem utilizado, o preço deste seguro, tendo em consideração os beneficios que dele podemos retirar, é ainda menos dispendioso do que qualquer outro.

Nestes tempos de desenfreada concorrência, ninguém pode permitir-se ignorar factos tam vitais como aqueles que se relacionam com as despesas dos negócios. Um ou vários de vossos concorrentes—talvez um

principiante com um negócio de menos importancia de que o vosso—se souber bem quais são as suas despesas, quando opuzer o seu conhecimento aos vossos cálculos aproximados, fá-lo-á com a certeza de ganhar finalmente. O conhecimento é sua fôrça. A base da sciencia de um director é conhecimento dos preços de custo.

A necessidade de um sistema do preço de custo é justificada pela obrigação de se obter pelo preço de venda mais do que o preço de custo.

Evidentemente, pode-se esperar pelo fim do ano, e tendo em consideração os inventários no começo e no fim do exercicio, o lucro total e as despesas, concluir dos resultados. Todavia, sem um sistema do preço de custo, uma tal conclusão apenas diz respeito ao conjunto das operações effectuadas durante o exercicio e não permite ver se um dos produtos em particular foi vendido por preço mais ou menos elevado do que o custo.

(Continua)

S. S. M.

## ORIGENS DA ESCRIPTURAÇÃO

Ensaio de bibliographia apresentado por Jos. Uell. de Antuerpia, á Camara Syndical Belga dos Contadores.

### II

Em 1724 appareceu em Antuerpia uma obra muito volumosa de J. B. P. de Andriassons sobre a contabilidade das empresas industriaes. *Uytvindinghe van de nieuwe instrustie van het italiaens Boeckanden op avontuer ter zee*. Este tratado, dedicado aos directores da Companhia d'Ostende, foi a unica obra belga importante que tivemos a registrar do meiado do seculo XVI até o fim do seculo XVII.

Isto não nos deve admirar se lembrarmos-nos que, durante esta triste época toda a iniciativa era suffocada.

Os fins do seculo XIX offerecem mais interesse. Em 1796, Edward Jones editou em Bristol um tratado de escripturação em que elle atacou violentamente o methodo italiano, contrario ao seu. Edward Jones chamou o seu methodo *escripturação dos livros á ingleza*. O seu estylo charlatanesco trouxe-lhe um importante successo e o livro teve logo a honra da traducção, mas, ao mesmo tempo, attrahiu tambem para si polemicas violentas.

Estas discussões não foram estereis.

Notadamente, dois escriptores da época—Martin Bataille, de Gand ou de Bruxellas e E. Degrange, de Paris—refutaram-n'o e suas publicações apresentam reformas importantes para o ensino da contabilidade.

Estes deram simultaneamente em 1804-1805 a primeira descripção do *Diário-Razão*, impropriamente chamado *Diário americano* ou *methodo americano*.

J. Isler publicou em 1810, em Bruxellas, seu *Nouvelle méthode suisse*, que apresenta uma modificação ao *Diário-Razão*.

Em 1842 tivemos as primeiras monografias de contabilidade sobre as empresas industriaes.

Estas foram: *La tenue de livre des Maîtres des Forges et des usines á fer* de E. Degrange e *Le nouveau système de comptabilité à l'usage de Maîtres de Forges*, de J. J. Wiliaame.

Esta ultima obra que fomos os primeiros a assignalar é das mais interessantes e nós a consideramos como o primeiro tratado que deu o senso moderno.

Nosso trabalho sendo redigido sob o ponto de vista historico, somos obrigados a nos deter neste ultimo autor. O seculo XIX viu enriquecer a literatura da contabilidade de um grande numero de obras.

Muitas dellas, porem, não tem senão um fim didactico e não nos offerecem, por isso, valor muito apreciavel. Todavia, varios autores abriram caminhos novos e estabeleceram methodos racionaes, mas a tarefa não está acabada e alguns problemas estão ainda sem solução.

Aqui devemos citar revistas de contabilidade que são pouco conhecidas entre nós, entre outras a *Zeitschrift fuer Handelswissens chaftliche Forschüng de Sma-lenbach*, e a *Zeitschrift fuer Handelswissenschaft*.

Trad. de C. LEVY MAGANO.

Transcrito do n.º 2, de Fev. de 1912, da Revista Brasileira de Contabilidade.

### INFORMAÇÃO

Não temos enviado o n.º 1 de "A Voz do Comercio" aos novos assinantes, devido a estar esgotado, e por isso, resolvemos fazer nova edição logo que nos seja possível.

# ESTENOGRRAFIA

II

O que é Estenografia?

A definição mais comum de estenografia (que também se achama taquigrafia) é a seguinte: «A arte de escrever tão depressa como se fala».

Eu disse «arte», mas ha quem lhe chame «ciencia», e entre os que lhe chamam arte e os que querem que seja sciencia já houve discussão, concluindo alguém por harmonisar as duas opiniões chamando-lhe «arte-ciencia». Isto parece-me de pouca monta, tanto mais que toda a arte mais ou menos envolve sciencia. Mas arte, sciencia ou arte-ciencia, eu não sei se a definição acima apresentada como a mais comum é a mais exacta.

Será possível escrever tão depressa como se fala? Quer-me parecer que não. Várias circunstancias de ordem material a isso se opõem. A mão segurando um lapis ou uma pena não pode mover-se escrevendo, com a mesma facilidade com que a lingua e os labios se movem, falando. Alguns grupos de sons que um subtil movimento da lingua e dos labios basta para serem emitidos, exigem varios e ás vezes complexos traços que representam outros tantos movimentos dos dedos.

Afinal, é justamente «não escrevendo» que o estenógrafo consegue acompanhar o orador. E isto que aos leigos poderá parecer paradoxal, não o é para os iniciados. Para conseguir fixar a palavra rápida o taquígrafo recorre a uma série de expedientes, de trucs, tendentes a reduzir, suprimir, condensar o que ouve, de tal forma que lhe seja possível acompanhar e fixar a oratoria fluente. E sendo um desses trucs a omissão de acentos, de pontuação, de letras, de sílabas e até de palavras. vê-se que é justamente «não escrevendo» que o estenógrafo consegue o seu fim.

Quer-me parecer, pois, que a definição acima dada é algo falha de propriedade. E enquanto alguém não fornece outra que possua mais exactidão, de mim para mim estabeleço aquella que as proprias palavras

«estenografia» e «taquigrafia» deixam perceber: «Escrita rápida».

Por esta definição se está vendo qual o objectivo e applicações da estenografia. Segundo reza a historia, os primeiros taquígrafos eram empregados pelos oradores na fixação dos seus discursos, e conta-se até que um escravo de Cícero, por nome Tiron, que era seu estenógrafo, foi o primeiro que publicou um tratado de estenografia, o qual é conhecido pelo nome de «Notas tironianas».

Com o andar dos tempos passou a taquigrafia a ser utilizada para fixar os discursos nos parlamentos, nos tribunais e mais onde quer que houvesse verborreia de que necessario fosse tomar nota exacta. Mas modernamente é que a estenografia se popularizou graças á sua applicação no commercio: os patrões ou chefes de correspondencia ditam as cartas aos estenógrafos que depois as escrevem á máquina, pelo que se chamam esteno-dactilógrafos. E' tão importante o papel que representa a estenografia no moderno escritorio de commercio que vem muito a talho de foice o tratar-se deste assunto aqui — num jornal cuja especialidade é a técnica comercial.

Muito naturalmente, os países onde mais divulgada se acha a estenografia são aqueles em que mais em pratica estão os modernos processos de técnica comercial: America do Norte, Alemanha, Inglaterra.

Ao contrario do que alguns leitores poderão supor, ha muitos sistemas de estenografia. Diz-se que de Tiron para cá se podem contar por milhares os sistemas aparecidos. A Inglaterra, a Alemanha e a França teem sido, pode dizer-se, as pátrias dos mais célebres fabricantes de sistemas de taquigrafia. Para somente citar os que na actualidade são mais conhecidos e seguidos: A Inglaterra deu nos Pitman e Gregg; a Alemanha deu-nos Gabelsberger, Stolze, Schrey; a França, Prévost e Duployé.

(Continua).

Candido Craveiro.

## ESCRITA—ESCRITURAÇÃO

Com a devida venia transcrevemos do «Tratado Teorico e Practico de Escrituração Comercial», por Magalhães Peixoto. 2.<sup>a</sup> edição, pag. 24, o seguinte que, a nosso ver, se deve divulgar o mais possível:

*Escrita-Escrituração.* — Actualmente, em que os contabilistas celebres como Léautey e outros, empregam todo o seu saber em definir os vocabulos — **contabilidade** — **escrituração** — para que da sua precisa designação se conceba o seu verdadeiro sentido, vemos, com desgosto, que não só os profanos mas também os tecnicos estão empregando termos numa acepção completamente diferente da verdadeira, introduzindo-os na linguagem contabilista como sinonimos dos já existentes, sem vantagem alguma. Nestas condições está o vocabulo — **escrita**.

Que os profanos empreguem a palavra — **escrita** — como sinonimo de **escrituração**, é desculpavel, tanto mais que reproduzem fonograficamente o que ouvem aos da especialidade, mas que estes a empreguem é o que lastimamos e não tem desculpa. E para demonstrarmos que as palavras — **escrita** — **escrituração** — teem significações diferentes, transcrevemos dos

nossos mais autorizados dicionaristas a verdadeira acepção de uma e outra:

**De D. José Maria d'Almeida e Araujo Corêa de Lacerda** (edição de 1860):

*Escrita.* s. f. (s. da des. f. de *escripto*) escritura, aquilo que se escreve.

*Escrituração.* s. f. o lançar nos livros as transações mercantis do negociante, ou as de fisco nos livros do erario, de administrações de contractos; — (termo comercial) é o que se escreve nos livros de um escritorio comercial.

**De Domingos Vieira.** (edição de 1871):

*Escrita.* s. f. (Do latim *scriptum*). O que se escreve, copia.

*Escrituração.* s. f. (De escritura, com o sufixo *acção*). Acção ou trabalho de escriturar. — Fazer a escrituração *d'uma casa comercial*.



—A escrita dos livros e papeis de qualquer repartição publica.

**Do Dicionario Contemporaneo** (edição de 1881):

*Escrita.* (es-crita), s. f., o que se escreveu, o que está escrito; copia. Exercício escolar para aprender a escrever. O que diariamente os escolares escrevem nas aulas de caligrafia; prova caligrafica. F. *Scriptum.*

*Escrituração* (es-critu-ra), s. f. acção ou trabalho de escriturar ou de escrever. (Com.) Arte de arrumar os livros comerciais ou de escriturar sistematicamente as diferentes partidas ou artigos (Com.) Arrumação dos livros de uma casa comercial; elaboração sistematica e metódica, em livros competentes, das contas de uma casa comercial; o conjunto dos documentos escritos relativos aos negocios de uma casa comercial. Acto de escrever os registos de qualquer repartição publica e os diferentes documentos officiais. F. *Escriturar* +ão.

**De Antonio Domingos de Moraes** (edição de 1890):

*Escrita.* s. f. Aquilo que se escreve ou copia. O que está escrito. Exercício caligrafico, que se faz na escola primaria para aprender a escrever: *este menino faz uma boa escrita; esta escrita está muito má, está cheia de borões.* (t. usado no Brasil).

*Escrituração.* s. f. Acção ou trabalho de escriturar. Tudo o que é concernente á arte, e exercício de escrever com ordem as contas,

e livros de comercio. Diz-se tambem: *escrituração comercial, escrituração mercantil.* A escrita de livros, e papeis de qualquer repartição publica.

**De Francisco d'Almeida** (edição de 1891):

*Escrita.* f. o que se escreveu ou o que está escrito (Copia). Modo, arte de escrever; que tem só por condição a clareza e legibilidade inequivoca. V. *Caligrafia.*

*Escrituração.* f. acto e efeito de escrever ou de escriturar; arrumação e registo das contas comerciais.

**De Antonio José de Carvalho e João de Deus** (edição de 1905):

*Escrita* (exkrita) s. f. o que se escreveu, o que está escrito; copia; modo de escrever, arte de escrever que difere da caligrafia propriamente dita em ter por condição não a elegancia e adorno dos caracteres, mas só a clareza e legibilidade inequivoca.

*Escrituração.* (exkrituração) s. f. acto de escrever ou de escriturar; arrumação e registo das contas comerciais.

Pelo que fica dito vê-se claramente que «escrita» não é nem nunca foi sinonimo de «escrituração». Logo, não se deve dizer: uma escrita bancaria; uma escrita agricola; uma escrita industrial, mas sim: — uma escrituração bancaria; uma escrituração agricola; nma escrituração industrial.

**ENTRE LEITORES**

**CONSULTA**

Por escritura de 20 de Abril do corrente ano, foi transformada, nos termos dos artigos 352.º e seguintes doCodigo do Processo Commercial, a sociedade por cotas X, numa outra, tambem por cotas e sob a mesma razão social.

Um dos primeiros artigos da referida escritura é do teor seguinte: «A sua duração é por tempo indeterminado, contando se os efeitos desta transformação a partir de 15 de Fevereiro do corrente ano».

A data de 15 de Fevereiro é a da homologação do acordo-concordata.

Na escrituração da firma X não se fizeram nesta data quaesquer lançamentos nem balanço, tendo continuado normalmente a escrituração até 20 de Abril (data da escritura), procedendo-se então ao balanço.

Pergunta-se:

1.º—Deve abrir-se a nova escrituração em 20 de Abril, sem qualquer referencia ao citado artigo?

2.º—Será necessario incluir nos livros da nova firma o movimento da sociedade transformada desde a data da homologação do acordo-concordata?

3.º—Neste caso como deve ser feita a abertura ou a inclusão do referido movimento, notando-se que os livros da nova sociedade foram selados em 19 de Abril?

A. C. G. M.

Tabela de jardas reduzidas a metros

Jardas	Metros	Jardas	Metros	Jardas	Metros
1	0,9144	40	36,576	70	64,008
2	1,8288	41	37,4904	80	73,152
3	2,7432	42	38,4048	90	82,296
4	3,6576	43	39,3192	100	91,44
5	4,5720	44	40,2336	200	182,88
6	5,4864	45	41,148	300	274,32
7	6,4008	46	42,0624	400	365,76
8	7,3152	47	42,9768	500	457,20
9	8,2296	48	43,8912	600	548,64
10	9,144	49	44,8056	700	640,08
20	18,288	50	45,72	800	731,52
30	27,432	60	54,864	900	822,96

Tabela de metros reduzidos a jardas

Metros	Jardas	Metros	Jardas	Metros	Jardas
1	1,093	13	14,209	70	76,51
2	2,186	14	15,302	80	87,44
3	3,279	15	16,395	90	98,37
4	4,372	16	17,488	100	109,30
5	5,465	17	18,581	200	218,60
6	6,558	18	19,674	300	327,90
7	7,651	19	20,767	400	437,20
8	8,744	20	21,86	500	546,50
9	9,837	30	32,78	600	655,80
10	10,93	40	43,72	700	765,10
11	12,023	50	54,65	800	874,40
12	13,116	60	65,58	900	983,70

# CARTAS DE VENDA

I

Para vender por correspondencia, é preciso primeiro uma organização perfeita na empresa para redigir as centenas de cartas que é preciso escrever, com o fim de alcançar uma cifra importante de vendas, tendo bem dispostos uns sistemas de fichas para que a cada futuro cliente se lhe mande em momento oportuno a carta que deve despertar o seu interesse e impulsionar a vontade, sem esquecer o respectivo acompanhamento de notas de preços, prospectos, folhetos, catalogos, etc. que auxiliam e completam a argumentação das cartas.

Depois, é mister que todo o material, papel de cartas, prospectos, notas de preços, reclames, etc. esteja planeado e executado olhando ao plano da propaganda, e aos atributos do producto, fazendo-o atraente, elegante, luxuoso, artistico, original segundo se deseje na clientela modernista, aristocrática, de bom gosto, popular, etc., e tendo em vista que forme com toda a propaganda um conjunto armónico e por conseguinte eficaz.

E por ultimo, resta a redacção da carta, que apesar de ser o mais visível, apesar de ser o que aparentemente constitui a base da venda, é uma parte tam importante, pequena em relação ao trabalho que proporciona, mas da maxima importancia, por ser o elemento decisivo em toda a propaganda.

Em todo o sistema de venda por correspondencia, a carta é um elemento do plano que deve ser auxiliado por a organização e apresentação; fazemos esta observação, porque em diversas occasões nos expuzeram o fracasso de propagandas feitas com cartas redigidas por especialistas eminentes e cujo insucesso não se deve attribuir aos modelos das cartas — muito bem pensados, inteligentemente apresentados e escritos com leveza — mas á falta de alguma das outras condições.

A carta constitue, por assim dizer, o elemento final e decisivo.

Se um comprador, atraído por os anuncios, interessado por os folhetos e assediado pela regularidade e precisão com que vai recebendo as cartas, não logra ser convencido por os argumentos escritos, terá sido tempo e dinheiro perdidos que se empregaram em o conquistar.

É facil] redigir uma boa carta de venda? Não acreditamos; pelo contrario; as cartas de venda são a modalidade mais difficil da correspondencia mercantil e poucas são as vezes que a este respeito se consegue a perfeição; vamos tentar em alguns artigos, dar em linhas geraes umas normas ou conselhos, acompanhados de modelos, a fim de o leitor poder fazer ideia desta especie de cartas e lhe sirva de base para estudo mais detalhado, se é que tem occasião de o aplicar na pratica.

A carta de venda deve reunir, pelo menos, as condições seguintes:

- a) Estimular o interesse do destinatario desde as primeiras frases.
- b) Procurar que entre os paragrafos haja a sufficiente ligação para que uma vez iniciada a leitura se siga até ao fim.
- c) Redigir a argumentação de maneira a convencer o cliente.
- d) Procurar os argumentos mais proprios para conseguir o fim que temos em vista.
- e) Deixar no animo do cliente a necessidade de

um acto que deve realizar, dispondo-o a decidir-se a comprar, ou pelo menos firmar um compromisso que facilite o estabelecimento de relações dando occasião a insistir na oferta.

Apesar de ser para nós tarefa facil, não vamos examinar uma a uma as condições mencionadas, porque, ainda que dando occasião a argumentos de consideravel eficacia, a exposição dos mesmos não terá a mesma utilidade que um caso pratico e preferimos em vez de fazer uma exposição teórica das condições, analisar alguns modelos de cartas de venda, sempre debaixo das condições indicadas. D'esta maneira resultarão mais eficazes os nossos conselhos aos leitores que queiram aplicar aos seus negocios a venda por correspondencia.

Vejamos uma carta: a comissão organizadora de uma Feira de amostras, envia a seguinte carta:

*Senhores:*

*É dever de todo o comerciante procurar por todos os meios enaltecer o mais possivel a industria nacional. O seu proprio interesse o fará mover neste sentido, pois que procurando dar a impressão de que o nosso paiz é uma potencia comercial de primeira ordem, ganharemos a confiança dos mercados consumidores estrangeiros, atraindo para as nossas empresas os pedidos que hoje enviam para outras nações que não esqueceram este interesse.*

*Animados dum alto espirito patriotico e desprezando egoismos individuaes derrotistas, um grupo numeroso de commerciantes uniu-se para a realisação nesta cidade de uma feira annual de amostras, tendo pedido a cooperação das autoridades e forças vivas da cidade que imediatamente prestarão o seu apoio e encarregando esta Comissão de pôr em pratica a sua idea. A Feira será o portavoz da preponderancia das nossas manufacturas, pelo que rogamos juntem o seu nome á nossa obra e acudam a demonstrar, junto com os demais commerciantes, que a nossa Patria possui um commercio em condições de competir com os outros mercados produtores no que se refere a preços e qualidades.*

*Pelos trabalhos realizados, podemos afirmar-vos que acorrerá á Feira um enorme contingente de compradores estrangeiros*

*Consentirão V. Ex.<sup>as</sup>, que o nosso commercio represente um exiguo papel perante eles? Deixarão que a sua respeitavel firma comercial não figure entre os adherentes a esta Feira? Não acreditamos, e por isso, esperamos receber a sua assinatura com o boletim de inscrição que incluso apresentamos, mostrando que vos anima o mesmo interesse de regeneração do commercio que nos move a todos.*

*Oferecendo-vos o testemunho da nossa consideração mais distinta,*

O prestigio dos signatarios, uma comissão em que figuravam as autoridades das cidades não era o mais proprio para convencer um comerciante como a utilidade das feiras cifra de vendas que se alcançam, a propaganda eficaz que representam, etc., sendo necessario procurar outro elemento que se achou acertadamente no patriotismo, e muito bem, tendo-se este focado de maneira a dar a entender os resultados; é esta a razão porque no primeiro paragrafo da carta se fala do *dever* patriotico do commerciante e se lhe apresenta como consequencia o aumento de pedidos, o direito a bom resultado comercial, se souber ser patriota.

Este argumento apresentou-se na primeira linha

para despertar o interesse do destinatario condição a) e se procurou que precisamente seja esta a unica razão para que a carta tenha a unidade de acção que indicamos na condição, b).

¿Há razão capaz de convencer? Sim, há; não nas palavras, pois que a carta deve ser breve, limitada, porque o comerciante é um homem avaro do seu tempo, mas na consequencia que da mesma se depreende; quer dizer, a carta não tem elementos suficientes para convencer, mas tem uma condição melhor;

desperta no cerebro do destinatario ideas para que seja ele mesmo a convencer-se. A afirmação de que a feira de amostrss atrairá um grande contingente de compradores estrangeiros e por consequencia haverá pedidos, tem que produzir apreciaveis efeitos, e, por consequinte, esta carta tem a qualidade c) que indicamos.

(Continua)

José Gardá

Da Revista Mensal Hispano-Americana „Actividad“

## ABERTURA DE ESCRITURAÇÃO DE DIVERSAS FIRMAS

II

Proseguindo :

Agora cumpre-nos expor como costumamos fazer a abertura da escrituração duma firma em nome individual, que tenha iniciado o seu comercio com capital constituído apenas por numerario, caso que vimos analisando.

### Como fazemos

Abertura no «Inventario e Balanços»

1.º modelo :

#### Termo de abertura

Hade servir este livro para «Inventario e Balanços» da casa comercial de Antonio Ferreira, da rua Santa Catarina, desta cidade. Tribunal do Comercio do Porto, 14 de Maio de 1929. O Escrivão X. O Juiz Presidente X.	
Porto, 14 de Maio de 1929. Numerario com que em 1 de maio de 1929 entrei em comercio . . .	120.000\$00
Antonio Ferreira.	

2.º modelo :

Porto, 15 de Maio de 1929 Numerario que constitue o capital com que iniciiei as minhas operações comerciais em 1 de Maio de 1929 . . .	120.000\$00
Antonio Ferreira.	

3.º modelo

Porto, 14 de Maio de 1929. Inventario do capital com que comecei a negociar : ACTIVO Caixa Numerario . . . . .	120.000\$00
Antonio Ferreira.	

4.º modelo :

Porto, 15 de Maio de 1929. Inventario do capital com que, em 1 de Maio de 1929, se estabeleceu a firma Antonio Ferreira . . . . .	120.000\$00
ACTIVO Caixa Numerario em cofre. . . . . Antonio Ferreira O Guarda-Livros Mario de Castro	

5.º modelo :

Porto, 14 de Maio de 1929. Numerario que é o capital com que a firma Antonio Ferreira iniciiou o seu comercio, em 1 de Maio de 1929.	120.000\$00
Antonio Ferreira O Guarda-Livros Americo Costa	

6.º modelo:

Porto, 14 de Maio de 1929.	
Inventario do activo com que <i>Antonio Ferreira</i> entra em comercio, em 1 de Maio de 1929.	
<b>ACTIVO</b>	
<b>Caixa</b>	
Numerario constituindo o capital . . . . .	120.000\$00
<i>Antonio Ferreira.</i>	
O Guarda-livros	
<i>Arlindo de Freitas</i>	

7.º modelo:

Porto, 16 de Maio de 1929.	
Inventario do capital inicial da firma <i>Antonio Ferreira.</i>	
<b>ACTIVO</b>	
<b>Caixa</b>	
Numerario com que iniciou as suas operações comerciais em 1 de Maio de 1929 . . . . .	120.000\$00
<i>Antonio Ferreira</i>	
O Guarda-Livros	
<i>Francisco Mota.</i>	

Suponhamos que Antonio Ferreira começou a negociar em 18 de Maio de 1929.

8.º modelo:

Numerario com que hoje começo a negociar .	120.000\$00
Porto, 18 de Maio de 1929.	
<i>Antonio Ferreira.</i>	

9.º modelo:

Porto, 18 de Maio de 1929.	
Inventario do capital com que hoje se estabelece a firma <i>Antonio Ferreira</i> , a saber:	
<b>ACTIVO</b>	
<b>Caixa</b>	
Numerario . . . . .	120.000\$00
<i>Antonio Ferreira</i>	
O Guarda-Livros	
<i>Alfredo Moreira.</i>	

Imaginemos que uma parte do capital, suponhamos 100.000\$00, está em deposito á ordem no Banco X, e o restante é que entrou em caixa.

10.º modelo:

Porto, 14 de Maio de 1929.	
Inventario do activo com que, em 1 de Maio de 1929, me estabeleci, a saber:	
Numerario em cofre. . . . .	20.000\$00
Dinheiro em deposito á ordem no Banco X . . . . .	100.000\$00
Meu capital . . . . .	120.000\$00
<i>Antonio Ferreira</i>	

(Continua)

*Antonio Martins da Fonseca.*

## ASSOCIAÇÃO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS DO NORTE DE PORTUGAL

VIDA ASSOCIATIVA

**O 1.º congresso dos contabilistas e guarda-livros portugueses**

Por ocasião deste congresso será publicado um numero especial de «A Voz do Comercio», para o

qual rogamos o obsequio de original, favor que desde já muito agradecemos.

Pelo bom andamento dos trabalhos preparatorios para este congresso, ha toda a esperança de que ele seja muito brilhante.

Esperamos que todos os nossos presados colegas

nos prestem o seu concurso, pois que se trata dum beneficio colectivo.

Brevemente daremos novos e importantes informes.



« Acta da segunda Reunião Tecnica »

(Continuação)

Depois, é concedida a palavra ao Senhor Carlos Tavares Bastos, que diz que a conta a creditar não pode, a seu ver, ser outra senão «Perdas e Lucros», opinião esta que é corroborada pelos senhores: Artur Graça, Carlos Garcia, Silvino Soto Maior e Ernesto Cabral. O Senhor Antonio Martins da Fonseca discorda daquela opinião, pois que a importancia da oferta não era um lucro resultante do negocio, e, por isso, não devia ser levada a qualquer das contas de resultados, para que o balanço não apresentasse um resultado que o respectivo exercicio não tinha produzido. Se tal mostrasse, poderia, esse facto, acarretar graves inconvenientes, principalmente numa sociedade, maiores, ainda, numa sociedade por cotas ou anonima. Portanto, era de opinião que fosse creditada a conta: «Fundo de Reserva Eventual». E' do mesmo parecer o Senhor Luiz Albertino Mourão.

Como ainda faltava dar solução á consulta numero cinco, apresentada pelo socio num ro cento e sessenta e tres, o senhor Presidente submeteu-a em seguida ao parecer da Assembleia. Essa consulta é assim formulada:

Há quasi cinco anos, Francisco e José organizaram uma sociedade por cotas tendo entrado o primeiro com 60:000\$00 sessenta contos em dinheiro e o segundo com o activo e passivo da sua casa comercial, a saber:

ACTIVO

Numerário . . .	10:000\$00	
Móveis e Utensilios . . .	18:000\$00	
Mercadorias . . .	80:000\$00	
Letras a Receber . . .	5:000\$00	
Devedores . . .	15:000\$00	128:000\$00

PASSIVO

Crédores . . .	7:000\$00	
Letras a Pagar . . .	45:000\$00	52:000\$00
		<u>76:000\$00</u>

Activo: cento e vinte e oito contos. Passivo: cinquenta e dois contos. Diferença entre o activo e o passivo: setenta e seis contos.

Há dias, deram um balanço afim de organizarem devidamente a escrituração, o qual acusou:

ACTIVO

Dinheiro em Caixa	500\$00	
Numerário no Banco . . .	4:000\$00	
Móveis e Utensilios . . .	16.200\$00	
Mercadorias . . .	145:000\$00	
Devedores . . .	73.000\$00	238:700\$00

PASSIVO

Crédores . . .	28:000\$00	
Letras a Pagar . . .	62:000\$00	90:000\$00
Capital . . .		136:000\$00
		226:000\$00
	LUCROS . . .	<u>12:700\$00</u>

Activo: duzentos e trinta e oito mil e setecentos escudos.

Passivo: duzentos e vinte e seis mil Escudos. Lucros:doze mil e setecentos Escudos.

Nos livros selados foi escriturada, apenas, a respectiva abertura, na ocasião própria e nos devidos termos.

Pergunto—Qual o melhor modo de regularisar esta escrituração?

A proposito começou-se por ler o parecer que o Senhor Jorge Cruz Lopes dos Reis apresentára por escrito que diz:

Resposta à consulta numero cinco

Uma escrituração não pode ter interrupções, devendo ter sempre continuidade e, por isso, mesmo, nada mais há a fazer do que procurar a solução dessa continuidade pelos elementos que existirem e que forçosamente devem existir.

Cuidado, porém, com as surpresas que estes casos acarretam e que, por vezes, são importantes.

Finda a leitura, o Senhor Carlos Tavares Bastos, a quem foi concedida a palavra, disse não ver fórma alguma de dar solução satisfatoria aquela consulta, excepto (adozem o termo) martelando.

O Senhor Sebastião Mendes, que se lhe seguiu no uso da palavra, expoz o seguinte: Na impossibilidade de se conseguirem legais documentos que habilitem a continuação da escrituração no tempo em que foi suspensa, julga o mais viável e legal caminho a seguir, a dissolução da sociedade, que se organizará de novo com o resultado que apresenta o balanço dado para esse fim. Corroboram nesta opinião os Senhores: Artur Graça, Silvino Soto Maior, Carlos Garcia e Ernesto Cabral. O Senhor Antonio Martins da Fonseca, tambem concorda; porem, diz que essa solução fica muito dispendiosa e em alguns casos não é viável, por não ser conveniente, em face de leis actuais, nesses casos, dissolver a sociedade para a organizar de novo, ou mesmo alterar certos pontos do contrato social, e, por isso, julga poder resolver o caso do seguinte modo apresentado por escrito, que passamos a reproduzir na integra:

Solução que me parece mais viavel para a consulta numero cinco.

Como a abertura da escrituração está feita nos devidos termos, bastará, portanto, o seguinte:

Escriturar analiticamente, num livro auxiliar, o inventario a que se procedêra para regularisar a escrituração, o qual logo no começo dirá da sua razão de ser;—no final deve escriturar-se o respectivo balanço—aludir a esse facto, seguindo-se o balanço, no livro «Inventario e Balanços» selado, e fazer o correspondente lançamento no «Diario Sintetico». Assim:

No livro de inventários e balanços auxiliar:

Pcto, de \_\_\_\_\_ de 1929

Inventario geral do activo e passivo da firma X, dado em de \_\_\_\_\_ de 1929, afim de ser regularisada a escrituração.

Seguia-se a descrição analitica do inventario e depois o balanço.

(Continua)

## SEÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

## A Portugal

Meu Portugal, meu berço de innocente,  
Lisa estrada que andei débil infante;  
Variado jardim do adolescente,  
Meu laranjal em flôr sempre odorante,  
Minha tarde de amôr, meu dia ardente,  
Minha noite de estrellas rutilante,  
Meu vergado pomar dum rico outomno,  
Sê meu berço final no ultimo somno!

Costumei-me a saber os teus segredos  
Desde que soube amar; e amei-os tanto!...  
Sonhava as noites de teus dias ledos  
Afogado de enlevo em riso e em pranto,  
Quiz dar-te hymnos de amor, dêbeis os dedos  
Não sabiam soltar da lyra o canto;  
Mas amei-te o esplendor de imenso brilho...  
Eu tinha um coração, e era teu filho!

Jardim da Europa, á beira mar plantado  
De loiros e acácias olorosas;  
De fontes e de arriolos serpeado,  
Rasgados por torrentes alterosas;  
Onde num cerro erguido e requemado  
Se casam em festões jasmims e rosas;  
Balsa virente de eternal magia,  
Onde as aves gozeiam noite e dia.

O que te desdénhar mente sem brio,  
Ou nunca viu teus prados e teus montes,  
Ou nunca ao pôr do sol de ameno estio  
Viu franjas de oiro e rosa os horizontes,  
Ondas de azul e prata em cada rio,  
As perlas e os rubis de tuas fontes;  
Nem de teus anjos, têrreo paraíso,  
Sentiu o magnetismo num sorriso.

Pátria! filha do sol das primaveras,  
Rica dona de messes e pomares,  
Recorda ao mundo ingrato as priscas eras  
Em que tu lhe ensinaste a erguer altares;  
Mostra-lhe os esqueletos das galeras  
Que foram descobrir mundos e mares.  
Se algum menospresar teu manto pobre,  
Ri-te do fátuo que se julga nobre!

Porque te miras triste sobre as águas,  
Pobre... d'aquem e d'além mar senhora?  
E te consumes nas candentes fráguas  
Das saudades crueis que tens d'outr'ora?  
Por tantos loiros que te deram? máguas?  
Foste mal paga e mal julgada? embora!  
Has de cingir o teu diadema augusto;  
São teus filhos leaes, e Deus é justo!

(Continua).

THOMAZ RIBEIRO.

MARTIRES DA  
CIVILIZAÇÃO

Não se pensa geralmente, quando nos rimos de uma creança que se mostra afavel para com um gato, um cão ou um cavallo, que essa creança é um colaborador inconsciente dos grandes reformadores do nosso tempo, daqueles criminalistas e sociologos, que estudando os delinquentes, deram, com o fruto dos seus trabalhos, um decisivo impulso á educação humanitária.

Não se pensa em coisa alguma dessas porque no acto não se vê mais que uma bagatela sem importancia A *causa* e o *fin* escapam á vista do frivolo observador.

A relação entre aquelas duas ordens de fenomenos tornar-se-á clara quando repararmos que toda a educação começa pelo que ha de mais simples e rúdimantar, que o ensino da BONDADÉ para com os animais é o A, B, C de toda a educação moral, e em segundo logar que os cuidados que se teem com os animais domesticos, de forma que lhes não falte alimento e abrigo, constituem a primeira lição practica das que com mais exito podem ser dadas ás creanças. As ruas estão permanentemente cheias de animais que passam. Pensamos acaso um momento só, que seja que todos



Este trabalho, executado por Idefonso Rosa, Mestre da Escola Industrial e Commercial de Nun'Alvares em Viana-do-Castelo (Portugal), foi feito exclusivamente á máquina de escrever, e não contém traço algum que não seja obtido com as letras e sinais da referida máquina. Contem mais de 1.200.000 letras. Todos os direitos reservados.

esses seres trabalham para nós, que as pezadas cargas que arrastam, os longos percursos que fazem e a energia muscular que dispendem é para utilidade dos donos e portanto, indirectamente para utilidade nossa?!

Lembraí-vos disso e tende sempre em vista que de todas as creaturas que trabalham são eles os unicos que não recebem salario, que não teem sufficiente alimentação,

## A ALMA

Quando a alma, ao termo de mil hesitações e desenganos, cravou as raizes para sempre num ideal de amor e de verdade, podem calcá-la e torturá-la, que quanto mais a calcam, mais ela penetra no ideal que busca, mais ela se entranha no seio ardente que deseja.

Guerra Junqueiro.

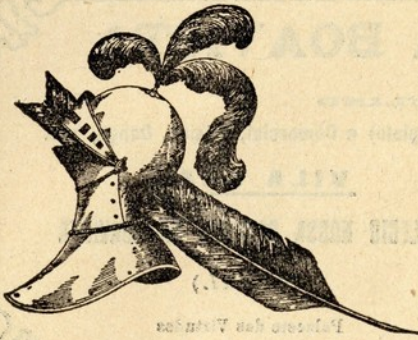
Deus, a idea do grande mundo — Deus, a Razão Eterna. — Deus, o amor. — Deus, a gloria. — Deus, a força, a poesia e a nobreza d'alma. — Deus está nas ruinas escalavra. das do Coliseu, como nos zimbórios de bronze e marmore de S. Pedro.

Formou Deus o homem, e o pôz num paraizo de delicias; tornou a formal'lo a sociedade, e o pôz num inferno de tolices.

Almeida Garrett.

que nem sequer podem observar os indispensaveis cuidados com a conservação da propria saude... (Do «From our dumb animal's»)

Luiz Leitão



# JORNAL

SECÇÃO PARA OS NOVOS

## Avé Marias

— INÉDITO —

*A tarde vai de fugida  
O sol entrou na agonia.  
— Já anda a noite escondida  
Nos êrmos da serraania,  
No sino da branca ermida  
— Numã suave harmonia—  
A voz do sino cõvvida  
A resar: Avé Maria!...*

*E o povo humilde, mas crente,  
Com a fé sincera e ardente  
Que só p'ra o bem o conduz,*

*Contemplando o Infinito  
Invoca o nome bendito.  
Da Meiga Mãe de Jesus!...  
Covilhã, Maio de 1929.*

J. S. Seça Junior.

## Os dois Soldados

Poderá haver dor mais acerba que aquela que experimenta um pai ou uma mãe quando perdem um único filho que os amava e os sustentava com carinho no fim da sua carreira?

Ahl... como o coração de pai se sentirá oprimido...

Os dois velhos, instintivamente dominados pelo mesmo pensamento, abraçaram-se e caíram empurrados pela dor.

A mãe de Vidal menos ferida, pois que esperava em breve ver o seu querido filho, teve coragem para embalar os tristes velhos e pedir que os conduzissem á deligência. Transportados até á aldeia o triste velho nem mais deu acôrdo de si até que ao fim de quatro dias o seu corpo era lançado á vala comum. A mãe de Diogo continua com vida mas falha de rasão, dando azo a que rapaziada se divirta sempre que qualquer pessoa não repare na tresloucada. A principio interrogava tudo e todos se tinham visto o seu Diogo e como alguém

no intuito de a animar lhe dissesse que estava em casa da Cândida.<sup>(1)</sup> nunca mais ela deixou de lá ir perguntar pelo filho, ao que lhe respondem sempre para a animar — Esteve aqui hoje mas já se foi embora...

E agora quando alguém lhe pergunta pelo Diogo, ela responde imediatamente: Deve estar á da Cândida... Já não tem mais vida que é lá...

E nunca come que não vá á da Cândida chamar o filho e á sua porta sempre o chama a plenos pulmões.

E ás pessoas que passam pela rua recomenda sempre... se virem para aí o meu Diogo digam-lhe que venha almoçar... jantar etc.

E o Vidal efectivamente trez dias depois da scena trágica encontrava-se na aldeia, vindo ainda assistir aos funerais do pai de Diogo. Mas Vidal voltou á pátria completamente inutilisado. O oiho direito tinha-lhe desaparecido pela acção duma bala inimiga e igual sorte tivera o braço do mesmo lado. Faltava-lhe um braço e um olho O que fazer agora! Como ganhar o sustento para a sua mãe e sua irmã? O Estado não lhe podia pagar porque então todas as suas receitas seriam absorvidas só pelos inutilisados da pátria! Estender um braço á caridade, já que os dois não podia, era o unico caminho que podia seguir.

Mas se o estado não podia pensio-nar por serem muitos os necessitados, a caridade particular pelo mesmo motivo tinha de deixar de efectuar-se e então Vidal ouviria as palavras seguintes que a sua consciencia equilibrada dictava aos ouvidos.

— Tenha paciência meu amigo: São tantos que é impossivel socorrer todos!

Estas palavras, a fome no lar, era o pesadêlo que dominava o cérebro de Vidal.

A ajuntar a tudo isto via aproximarem-se o dia do casamento da sua

## Desilusão

*Cartas de amor!... Acreditas  
Na mentira dessas cartas  
Chamadas cartas de amor?  
— As tuas são tão bonitas,  
Tam meigas, tão bem escritas  
Perfumadas como a flor.  
Mas eu quero esfarrapar-las  
E tenciono mandar-las  
Já todas feitas em tiras  
Porque afinal essas cartas  
Chamadas cartas de amor,  
— Perfumadas como a flor —  
Perderam todo o valor  
Por conterem só mentiras!*

Covilhã, Maio de 1929.

J. S. Seça Junior.

namorada de antes de partir para a guerra com um viuvo da aldeia. Mesmo êle nunca mais pensou casar com a sua Helena, mas agora pensava na desdita de não poder possuir a eleita do seu coração! E ela... a Helena renunciou a um amor que jurou eterno... No dia do consórcio de Helena com o viuvo da aldeia, Vidal lançou-se debaixo do comboio acabando a sua triste vida em mil bocados do seu corpo.

Neste tempo já a mãe de Diogo tambem tinha desaparecido do numero dos vivos.

E o que vai hoje na casa onde Vidal nasceu, abstenho-me de contar, porque os leitores calcularão certamente o que acontecerá a duas mulheres desamparadas no mundo sem terem apenas um raio de esperança que as guie na senda do destino. A mocidade desorientada encontra ali o seu passatempo, sem respeito algum pela memória daqueles que muitos foram amigos.

ANA

(1) Cândida é a proprietária de uma taberna que ha na aldeia e onde o Diogo, assim como os outros rapazes, muitas vezes se entretinham.

# GRANDE COLÉGIO DA BOAVISTA

(FUNDADO HA 66 ANOS)

PARA O SEXO MASCULINO

Internato, Semi-Internato, Externato — CURSOS: Primário, Liceal (completo) e Comercial, Música, Dança, etc.

**PORTO**

GRANDE COLÉGIO DA BOAVISTA

Rua da Boavista, 112

TELEFONE, 4068

**VILA REAL**

COLEGIO NOSSA SENHORA DA BOAVISTA

(FILIAL)

Palacete das Virtudes

## Curiosidades

Preços antigos de varios generos

**Em 1145** — custavam dois arrateis de carne de vaca, um dinheiro, ou 4 reis.

**Em 1255** — um boi vivo valia tres maravedis, ou 68980 reis; e uma galinha valia um soldo, ou 50 reis.

**Em 1415** — uma vara de pano de linho custava 20 reis e um alqueire de trigo valia 10 reis.

**Em 1504** — um covado de pano do chamado de Florença, custava 160 reis.

**Em 1535** — um arratel de carne valia 5 reis.

**Em 1555** — um alqueire de trigo custava 65 reis; uma pipa de vinho 48000 reis; uma canada de leite 8 reis; um alqueire de sal 5 reis; um par de sapatos de cordovão, de nove a doze pontos 60 reis!

**Em 1615** — comprava-se um peru por 400 reis; uma galinha

## CASA DOS LINHOS

RAPHAEL PEREIRA DOS SANTOS

ARTIGOS PARA BORDAR

660, R. Fernandes Thomes, 664  
(Casa fundada em 1860) Telefone. 4021

PORTO

### LINHOS, ATOALHADOS e BORDADOS

por 140 reis; um par de sapatos de tres sólas, até onze pontos, por 280 reis.

**Em 1620** — custava um arratel de carne de vaca, 20 reis; um alqueire de trigo 200 reis e uma pipa de vinho 78000 reis.

**Em 1695** — uma canada de vinho comprava-se por 75 reis.

**Em 1705** — um melão valia 20 reis.

**Em 1765** — custava 40 reis um arratel de carne.

**Em 1795** — um arratel de manteiga custava 85 reis; no ano seguinte o preço subiu a 165 reis.

## Coisas que é bom conhecer

### Agua de canela

Para lavar úlceras pode usar-se a água de canela. E polvilhar feridas com canela é conveniente. A canela pelos seus princípios aromáticos é desinfectante.

**Em 1805** — custava 25000 reis o aluguer de uma carruagem por todo o dia.

**Em 1760** — um pão, de arratel, custava 25 reis.

**Em 1710** — comprava-se por 100 reis uma canada de vinho.

**Em 1825** — comprava-se por 75 reis um arratel de carne de vaca.

**Em 1875** — meio kilo de carne ainda custava 150 reis

Da «Enciclopedia do Comerciante e do Industrial», por Alberto Bessa.

Cursos completos em discos de gramofone, com livros e instruções: Estudo facil, atraente e economico.



Pedir prospectos explicativos —  
**COSTA, CORREIA & SILVA**  
—  
R da Picaria, 68  
**PORTO**

LINGUAS ESTRANGEIRAS—Sistema do LINGUAPHONE INSTITUTE, de Londres